

Renova-se a capacidade competitiva

Para que a balança de comércio do Brasil apresente neste ano um superávit de US\$ 6 bilhões, cifra que tem sido mencionada como uma meta oficiosa, seria preciso que as exportações tivessem um crescimento de, no mínimo, 12%, alcançando US\$ 57,250 bilhões. Paralelamente, as importações teriam de cair 16,5%, ficando no nível de US\$ 51,250 bilhões. Até algumas semanas, estes números eram considerados altamente improváveis, acreditando-se em uma expansão das exportações de, no máximo, 10% e uma queda das importações de 6% a 8%. Surpreendentemente, a disposição da indústria em exportar e em substituir importações vem dando credibilidade àquelas projeções mais otimistas.

Não se espera que a cotação do dólar permaneça na faixa de R\$ 1,80 a R\$ 1,90 por muito tempo e, de fato, o crescimento das exportações e a renovação progressiva das linhas comerciais devem dar uma poderosa contribuição para que as taxas do dólar deixem de apresentar um desequilíbrio tão acentuado como agora se verifica.

Ainda que o dólar venha para um nível bem mais baixo, o câmbio continuará a garantir um bom nível de remuneração para a agricultura, mesmo estando os preços das commodities agrícolas em baixa no mercado internacional, como comentamos ontem. Da mesma forma, um poderoso estímulo foi dado à indústria. Não se deve esquecer, nesse último caso, que empresas industriais investiram muito nos últimos anos na racionalização e no

aperfeiçoamento de seus processos produtivos, de modo a ganhar competitividade, o que lhes proporciona agora condições de aproveitar plenamente as oportunidades que a desvalorização do real oferece nos mercados externo e interno.

Como relatou a este jornal o presidente da Dupont para a América do Sul, Henrique Hebert Ulbrig, a empresa, que vinha perdendo clientes, investiu muito nos últimos anos em suas linhas de produção, e pode agora com facilidade enfrentar a concorrência de fabricantes estrangeiros no mercado interno e, naturalmente, impulsionar as suas exportações.

Com o fim da sobrevalorização do câmbio, há uma substituição natural de importações

Evolução semelhante ocorre na Siemens. Seu presidente prevê que o setor de equipamentos para telecomunicações da empresa receberá mais encomendas internas porque ganhou vantagem competitiva em relação aos equipamentos similares importados.

Verifica-se, na realidade, que está começando a haver uma substituição de importações, destinada a ganhar vulto nos próximos meses. Para as muitas empresas, tornou-se mais barato comprar aqui mesmo matérias-primas, partes e peças que antes importavam. Para isso, estão reativando linhas de produção e/ou estimulando antigos fornecedores, também afetados por uma concorrência externa fa-

vorecida pelo câmbio sobrevalorizado.

Em seu boletim de janeiro, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) dá conta de diversos setores industriais que vêm agora de forma muito diferente as suas possibilidades de vender para o mercado externo. A Associação Brasileira de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), que vinha apresentando uma balança comercial deficitária, estima que suas exportações podem crescer 10% a 15%, fazendo com que, no confronto entre as vendas externas e as importações, a área de bens de capital deixe déficit de apenas US\$ 200 milhões, em comparação com US\$ 4,7 bilhões em 1998.

A indústria automobilística projeta uma expansão de 10% em suas exportações e a expectativa do Sindicato Nacional da Indústria de Autopeças (Sindipeças) é de que o índice de nacionalização do carro brasileiro cresça entre 5% e 8%, devendo suas próprias exportações registrar um avanço de 12%.

Nada disso, é claro, interfere com a abertura comercial, que o País está comprometido em preservar e cujos efeitos são saudáveis. Os fatos não deixam dúvida, porém, de que a abertura combinada com a defasagem acentuada do câmbio tolheu severamente a capacidade competitiva da indústria instalada no País, provocando distorções que podem agora ser corrigidas. Acreditamos que o País retornará ao desenvolvimento pleno quando as exportações e as importações puderem crescer, em condições competitivas, sem provocar gargalos nas contas externas. ■